

Apresentação

Histórias públicas e os repertórios da Antiguidade e do Medievo¹

Bruno Marconi da COSTA²
Pedro Eduardo Andrade CARVALHO³
Ygor Klain BELCHIOR⁴

Como organizadores deste dossiê e professores de História, compreendemos que o passado não é um território estático, mas um campo de batalha constante onde identidades e narrativas são ativamente disputadas. Nossa trajetória é marcada pela convivência direta com o espectro do desaparecimento das áreas de Antiga e Medieval nos currículos escolares e nos centros acadêmicos. Essa percepção de um "fim de mundo" disciplinar materializou-se na primeira versão da *Base Nacional Comum*

¹ **Nota Metodológica:** Esta publicação contou com o suporte da inteligência artificial generativa (Gemini 3.0) para fins estritamente triviais e organizacionais, aplicados à revisão gramatical, ao ajuste de estilo e à busca por concisão técnica. O processo de interação baseou-se nos seguintes comandos: para estilo, ['Revise o texto para garantir concisão radical, eliminando adjetivos vagos e jargões, mantendo o tom neutro e frases curtas']; e para gramática, ['Realize a revisão ortográfica e gramatical normativa, preservando a terminologia específica da área de História']. Em conformidade com a Portaria CNPq 2.664/2026 e o Código de Conduta do LATHIMM/UFRJ, declara-se que não foram inseridos dados sensíveis ou manuscritos sob sigilo de terceiros durante o processamento. Os autores revisaram e validaram integralmente todas as saídas geradas, assumindo responsabilidade total e exclusiva pelo conteúdo final, garantindo o rigor e a integridade da pesquisa científica apresentada.

² Bruno Marconi da Costa é Doutor em História Comparada (UFRJ), Mestre em História Comparada (UFRJ), Licenciado e Bacharel em História (UFRJ). É Professor Efetivo de História Antiga e Medieval da Universidade Federal de São João Del-Rei. Vice-coordenador do LEPHAMA. São João Del-Rei – MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8699-2415>. E-mail: brunomarconi@ufsj.edu.br.

³ Pedro Eduardo Andrade Carvalho é Doutor em História (UFOP), Mestre e Licenciado em História (UFOP). É professor de História no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) - Campus Nova Venécia. Pesquisador do LEPHAMA e do LADIP (FAPEMIG APQ-02016-25 e APQ-08616-25). Nova Venécia - ES. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4897-3033>. E-mail: pedroeddu@yahoo.com.br.

⁴ Ygor Klain Belchior é Doutor em História Social (USP), Mestre, Licenciado e Bacharel em História (UFOP). É Diretor Acadêmico e Professor na Unidade Campanha da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Bolsista de Incentivo ao Pesquisador de Desenvolvimento Tecnológico (BIPDT – Nível A) pela FAPEMIG. Líder do LEPHAMA e do LADIP, coordena os projetos financiados pela FAPEMIG: APQ-02016-25, FCT-00013-25 e APQ-08616-25. Campanha - MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6690-6396>. E-mail: ygor.belchior@uemg.br.

Curricular (BNCC), que tentou invisibilizar milênios de experiência humana sob a justificativa de um combate ao eurocentrismo (Coelho; Belchior, 2017).

Nós compreendemos que essa tentativa não foi apenas um erro técnico, mas uma decisão que empobrece a formação humanista ao negar aos estudantes o contato com a alteridade. Como destacado na *Carta de Repúdio do Fórum dos Profissionais de História Antiga e Medieval* (2015), a "pluralidade de passados torna plausível a pluralidade de futuros". A omissão desses passados "distantes" baseou-se na falsa premissa de que só é possível pensar a Antiguidade e o Medievo sob uma ótica eurocêntrica, ignorando que esses períodos são fundamentais para construir narrativas que justamente questionem a hegemonia europeia através das histórias da África, das Américas e de todo o Mediterrâneo (Belchior, 2021).

Nossa análise aponta que, enquanto as áreas sofriam esse apagamento institucional, o vácuo era preenchido por "histórias imaginadas" e narrativas supremacistas no espaço público digital (Beard, 2019; Belchior, 2024). Observamos uma tensão entre o rigor acadêmico e a instrumentalização perversa do passado por grupos neofascistas e da *alt-right*, que tentam transformar a Antiguidade em um *bunker* de pureza branca e a Idade Média em um modelo de brutalidade civilizatória (Belchior; Bernardo, 2024; Oliveira; Rudnitzki, 2020). O grande problema contemporâneo reside na intermediação de algoritmos que radicalizam jovens através de *repertórios de ódio* disfarçados de "tradição".

Para além do enfrentamento aos radicalismos, compreendemos que a Antiguidade e o Medievo não estão confinados aos manuais acadêmicos; eles ocupam, de forma vibrante e caótica, o nosso cotidiano. Essas histórias estão em todo lugar: nas narrativas cinematográficas, nas discussões acaloradas do Twitter e na estética dos jogos eletrônicos (Costa, 2024). O grande desafio para a manutenção da relevância de nossas áreas reside em compreender que o passado que circula nessas mídias é o combustível que molda a consciência histórica da sociedade.

Nós entendemos que uma forma eficaz de resgatar a importância da Antiguidade e do Medievo é deslocar o foco dos "passados imaginários" para o estudo das consciências históricas que emergem no dia a dia (Rüsen, 2001). Ao analisarmos como as pessoas se relacionam com o tempo e como utilizam o passado para orientar suas

ações no presente, operamos uma transposição didática que valida o conhecimento acadêmico como uma ferramenta de compreensão da realidade digital.

Esta publicação, portanto, não surge de forma isolada; ela materializa as metas dos projetos de pesquisa financiados pela FAPEMIG: "Antiguidades e Medievalidades Digitais: as Consciências Históricas no Twitter" (APQ-02016-25) e "Laboratório de Antiguidades Digitais e Inovação Pedagógica - LADIP" (APQ-08616-25). Tais pesquisas buscam investigar como as temporalidades pré-modernas são consumidas e ressignificadas na cultura digital.

Para nós, essas ressignificações são entendidas como repertórios. A definição é: conjuntos dinâmicos e contextuais de significados, representações, narrativas e usos de elementos do passado que emergem e circulam na contemporaneidade. Eles não são fixos ou unívocos; eles são o resultado de um processo contínuo de *allelopoiesis*, isto é, a criação mútua e recíproca entre o passado evocado e as necessidades expressivas do presente (Faversani; Joly, 2021).

Essa dinâmica se manifesta em figuras históricas, mitológicas, artefatos ou conceitos que constituem tanto uma apropriação contemporânea quanto uma ressignificação ativa de traços do passado. Moldados pelos interesses do presente, esses repertórios geram novos entendimentos que podem se distanciar ou se conectar com suas matrizes históricas originais.

De um lado, observamos a proliferação de *repertórios supremacistas e reacionários*, que validam discursos de decadência civilizacional, racial, da masculinidade ou da feminilidade, além de clivagens entre democracia e autoritarismo e o anticomunismo. De outro, identificamos os que orbitam o cotidiano, a curiosidade e até o esoterismo, funcionando como bússolas para compreender o nosso tempo. Entre eles, destacam-se: alienígenas e teorias da conspiração, autoajuda, crítica ou elogio político e curiosidades históricas.

Nesse sentido, os artigos que compõem este dossiê buscam a análise técnica da história "que está por aí". Investigam como repertórios são construídos e como a "sociabilidade escalonável" das mídias permite a reinterpretação constante de símbolos antigos e medievais. Resgatar essas áreas significa, portanto, mergulhar na polimídia

contemporânea para desvendar as engrenagens da memória coletiva e as formas como o passado é mobilizado para dar sentido ao presente (Miller, 2021).

Compreendemos que o resgate da Antiguidade e do Medievo no espaço público exige um compromisso com a inovação pedagógica. O estudo dessas áreas torna-se um laboratório privilegiado para o aprendizado e a aplicação de novas tecnologias em sala de aula, superando a mera digitalização de conteúdos tradicionais. Aprender a manejar essas ferramentas no ensino de História significa capacitar o docente para realizar uma transposição didática que transforme a interatividade e a agência digital em ferramentas de reflexão crítica, permitindo que os alunos reconheçam a História em seus dispositivos (Carvalho, 2023).

A diversidade de abordagens presentes neste volume demonstra a vitalidade dessa transposição. O percurso inicia-se com o artigo *A egiptomania no Twitter*, que oferece um diagnóstico preciso sobre a circulação de repertórios da Antiguidade egípcia em ambientes digitais, revelando como a consciência histórica é moldada pela polissemia de significados nas redes sociais. Avançando para o período medieval e suas recepções, o trabalho *Santa Joana d'Arc no Brasil* investiga como essa figura é ressignificada entre a ortodoxia católica e as tradições de matriz africana, evidenciando a complexidade da formação identitária brasileira.

A presença da Idade Média no audiovisual e no entretenimento digital é explorada nos trabalhos seguintes. *Os Cavaleiros Templários na Televisão* analisa a representação da Ordem do Templo em séries contemporâneas e a manutenção de teorias conspiratórias, enquanto o artigo *Neomedievalismos e Cavalaria Medieval no Jogo Eletrônico Dark Souls* discute como os tropos e arquétipos medievais são consumidos e vivenciados através da interatividade dos games. Fechando o corpo de artigos, *Entre a Cruz e o Império* examina a construção da geografia sagrada e do poder simbólico no cristianismo tardo-antigo sob Helena Augusta.

Como complemento crítico a essas discussões, apresentamos a resenha do livro *Videogames e Jogos Eletrônicos*, que sistematiza os caminhos teóricos para o estudo dos games no Brasil, reafirmando-os como mídias fundamentais para a história pública. Por fim, o volume encerra-se com a *entrevista com Diego Rodstein Rodrigues*. Nela, discutimos o conceito de “existencialismo vulgar” (Rodrigues, 2024) e como a cultura

pop captura a angústia contemporânea, oferecendo uma síntese sobre a crise das utopias como isso aparece no cenário digital.

Registramos o reconhecimento ao empenho dos pesquisadores vinculados a estas propostas, cujas atividades asseguraram o rigor analítico necessário para a compreensão das consciências históricas na cultura digital. Agradecemos aos autores que submeteram seus artigos, tanto para as seções temáticas quanto para o fluxo de artigos livres, cujas contribuições foram fundamentais para mapear as tensões entre o rigor acadêmico e as apropriações do passado no espaço público. Estendemos o agradecimento ao pesquisador Diego Rodstein Rodrigues, pela entrevista concedida. Por fim, validamos o interesse do leitor por este material, que serve como evidência do compromisso institucional com a produção de conhecimento crítico e a inovação pedagógica, e deseja-se uma leitura produtiva das reflexões.

Referências bibliográficas

Beard, M. Why Rome continues to underpin western culture and politics - an extract from Mary Beard's book 'SPQR'. *World Economic Forum*, Nova Iorque, 02 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2019/07/why-rome-continues-to-underpin-western-culture-and-politics-an-extract-from-mary-beards-book-spqr/>>.

Acesso em: 07 abr. 2021

Belchior, Y. K. Por uma História Antiga que promova a dignidade humana: um ensaio/provocação. *Brathair: Grupo de Estudos Celtas e Germânicos*, São Luiz, v. 21, n. 1, p. 92-106, 2021.

Belchior, Ygor Klain. Radicalização e usos do passado: a Esparta brasileira. *Mythos: revista de História Antiga e Medieval*, Imperatriz, ano VIII, n. 1, p. 243-257, jan./mar. 2024.

Belchior, Y. K.; Bernardo, G. C. Neofascismo, Esparta antiga e usos do passado no contexto brasileiro (2017 – 2023). *História e Cultura*, v. 13, p. 250-254, 2024.

Carvalho, Pedro Eduardo Andrade. Explorando os potenciais e enfrentando os desafios para o uso do ChatGPT em sala de aula: desafios históricos e pedagógicos. *Convergências: estudos em Humanidades Digitais*, v. 1, p. 210-226, 2023.

Coelho, A. L. C.; Belchior, Y. K. A BNCC e a História Antiga: uma possível compreensão do presente pelo passado e do passado pelo presente. *Mare Nostrum*, São Paulo, 2017, n. 8, p. 62-78.

Costa, B. M. da. A história medieval vista de cima: imagens dos grupos populares em Age of Empires IV. *Convergências: estudos em Humanidades Digitais*, Goiânia, v. 1, n. 5, p. 76-102, 2024.

Faversani, F.; Joly, F. D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de Allelopoiesis. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 97-110, 2021.

FÓRUM DOS PROFISSIONAIS DE HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL. *Carta de Repúdio à Base Nacional Comum Curricular de História*. Rio de Janeiro: ANPUH-Rio, 26 nov. 2015. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/bncc-historia/item/3127-carta-de-repudio-a-bncc-produzida-pelo-forum-dosprofissionais-de-historia-antiga-e-medieval>>. Acesso em: 25 abr. 2026.

Miller, D. et al. *Como o mundo mudou as mídias sociais*. Londres: UCL Press, 2019.

Oliveira, R.; Rudnitzki, E. Deus vult: uma velha expressão na boca da extrema direita. *Agência Pública*. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>>. Acesso em 23 mar. 2020.

Rodrigues, D. R. O existencialismo vulgar na cultura pop: entre a utopia e a distopia no imaginário contemporâneo. *Trans/formação: revista de filosofia da Unesp, Marília*, v. 47, n. 3, 2024.

Rüsen, J. Razão histórica. *Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)